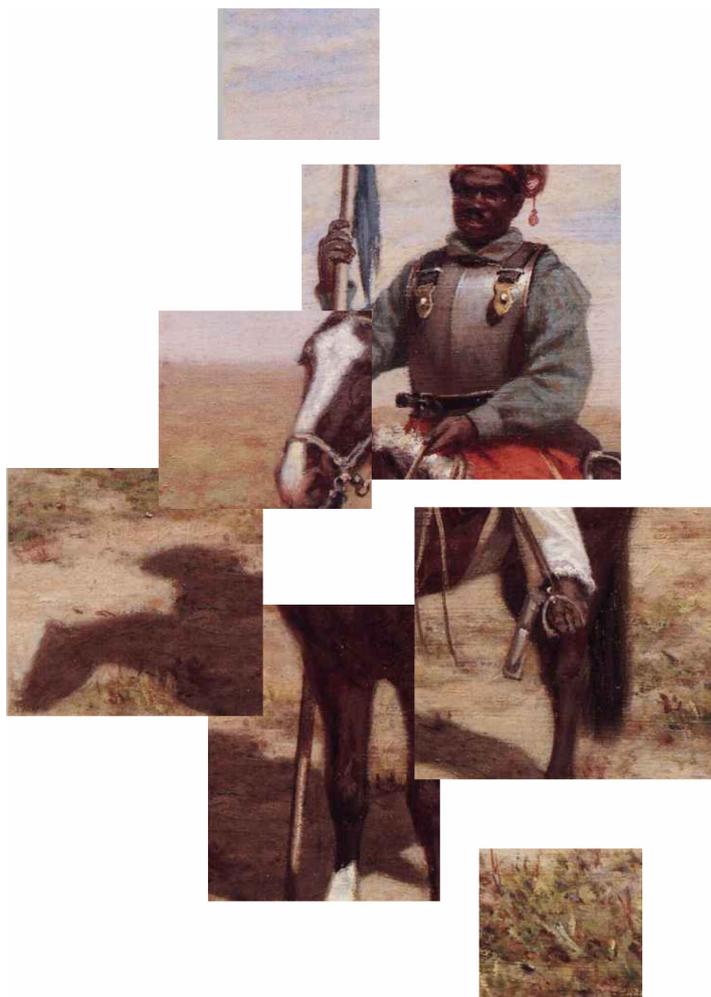


Um leitor no sul do mundo: a biblioteca imaginária de Simões Lopes Neto (1888-1916)



Capa do livro *Contos gauchescos*, de Simões Lopes Neto, 1976, fotografia (detalhe).

Jocelito Zalla

Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Colégio de Aplicação, do Programa de Pós-graduação em História e do Programa Nacional de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Autor, entre outros livros, de *O centauro e a pena: Barbosa Lessa e a invenção das tradições gaúchas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. jocelito.zalla@ufrgs.br

Um leitor no sul do mundo: a biblioteca imaginária de Simões Lopes Neto (1888-1916)

A reader in the south of the world: Simões Lopes Neto's imaginary library (1888-1916)

Jocelito Zalla

RESUMO

O escritor regionalista João Simões Lopes Neto deixou vários testemunhos de leitura, através de citações e referências, em toda sua produção, inclusive na prosa de ficção que o consagrou: *Contos gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913). A partir dessa "biblioteca imaginária", pretendo analisar seu perfil leitor, em suas condições de possibilidade, e discutir a circulação de ideias na fronteira sul do Brasil. Metodologicamente, busco aliar análises quantitativas e qualitativas que ofereçam explicações para suas tendências de leitura, mas também para algumas ausências significativas entre os autores citados. Como resultado, é possível traçar correspondências entre as leituras principais e sua prática de escrita de ficção (historiografia, nos temas, e poesia lírica, na linguagem), além de suas respostas para os problemas fundamentais do campo de produção cultural na região à época: os mitos do gaúcho e da Farrroupilha.

PALAVRAS-CHAVE: Simões Lopes Neto; práticas de leitura e escrita; literatura e memória histórica.

ABSTRACT

The regionalist writer João Simões Lopes Neto left several testimonies of reading, through citations and references, in all his production, even in the prose of fiction that consecrated him: *Contos gauchescos* (1912) and *Lendas do Sul* (1913). From this "imaginary library", I intend to analyze his reader profile and discuss the circulation of ideas on the southern border of Brazil. Methodologically, I seek to combine quantitative and qualitative analyzes which offer explanations for their reading trends, but also for some significant absences among the authors mentioned. As a result, it is possible to identify correspondences between the main readings and his practice of fiction writing (historiography on his themes, lyrical poetry in language), in addition to his answers to the most important problems of the field of cultural production on the southern frontier at the time: the myths of the gaucho and Farrroupilha Revolution.

KEYWORDS: Simões Lopes Neto; reading and writing practices; literature and historical memory.



João Simões Lopes Neto (1865-1916) é hoje um dos escritores mais conhecidos do público leitor do Rio Grande do Sul. Sua obra é frequentemente abordada na escola básica. Suas lendas, adaptadas na linguagem e, às vezes, ricamente ilustradas, são apresentadas às crianças menores como manifestações do folclore e da cultura popular local. Seus contos, no texto original, também são estudados pelos jovens, em etapas educativas mais avançadas, mas agora situados num quadro seletivo de obras de autores gaúchos, todos recor-

rentemente cobrados nos exames vestibulares do estado. Já formado, o leitor culto médio, se pudermos cometer essa abstração, também é interpelado com frequência pelos contos simonianos, que costumam figurar nas coletâneas de melhores do gênero¹ ou ganhar sucessivas edições de bolso², que ultrapassam bastante os limites do mercado regional de livros. Por fim, no topo da cadeia literária, os profissionais das letras – e aqui temos mais possibilidades de Simões alcançar leitores em todo o país – encontram o escritor pelotense nas páginas brasileiras de história da literatura, ora como uma das maiores realizações da prosa regionalista brasileira, ora como espécie de antecipação “pré-modernista” à ficção contemporânea, o que se reverte no abundante número de trabalhos acadêmicos a ele dedicados. Para alguns, como Alfredo Bosi, seu pioneirismo e sua relevância na tradição literária local fazem de Simões Lopes Neto o “patriarca das letras gaúchas”.³

Apesar da consagração, praticamente toda póstuma, da prosa de ficção, os textos simonianos são variados e dispersos. Podemos classificar o personagem como um intelectual “polígrafo” da Primeira República: “assalariado, pequeno produtor independente, vivendo dos rendimentos que lhes propiciam as diversas modalidades de sua produção”.⁴ Mas ele só chegou a essa configuração nos últimos anos de vida. Simões Lopes Neto nasceu numa das famílias mais ricas da região, foi educado no Rio de Janeiro e viveu a mocidade nos círculos da elite aristocrática de Pelotas, o antigo (e decadente) centro econômico imperial da província, mas sofreu sucessivos *handicaps* sociais, com o falecimento do avô, o Visconde da Graça, e do pai, Catão Bonifácio Simões Lopes, e a divisão da fortuna familiar, além de investimentos fracassados em vários ramos da indústria e do comércio locais. Restando-lhe os capitais simbólico e cultural, foi gradualmente convertendo-se à carreira literária. A análise de sua trajetória me permitiu, na investigação que originou este trabalho, formular uma periodização das diferentes preocupações e posições ocupadas pelo autor durante quase três décadas de atividades. Na primeira etapa, de 1888 a 1904, quando ainda era um jovem bem-amparado financeiramente, tinha na cultura uma frente complementar de atuação, não remunerada, sem ambições consagratórias, basicamente centrada no teatro amador e no jornalismo de colaboração. Na segunda, de 1904 a 1910, já era um intelectual público, em descenso social e busca por reconhecimento e legitimidade, que pretendia produzir para o incipiente mercado brasileiro de bens culturais, principalmente no setor didático, retirando daí parte de seu sustento, no que acabou frustrado. Na terceira e última fase, entre 1910 e 1916, era um intelectual autorizado de Pelotas, com prestígio em escala regional, cuja identidade profissional oscilava entre as imagens sociais de historiador, folclorista e “prosador”⁵.

¹ “Trezentas onças” foi incluído no oitavo volume *Mar de histórias: antologia do conto mundial*, organizado por Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Rónai. Recentemente, Italo Moriconi escolheu “Contrabandista” para o livro *Os cem melhores contos brasileiros do século*.

² Somente na versão de bolso, *Contos gauchescos*, publicado isolado ou juntamente a *Lendas do Sul*, recebeu três edições nos últimos anos, pela L&PM, do Rio Grande do Sul, pela Nova Fronteira (Saraiva de Bolso), do Rio de Janeiro, e pela Martin Claret, de São Paulo.

³ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 238.

⁴ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 54.

⁵ Esse termo aparece nas apresentações aos textos publicados por Simões na *Revista da Academia*, da Academia Rio-Grandense de Letras (ARGL), da qual compunha o corpo de membros desde 1910.

tinha no jornalismo sua principal fonte de renda e produzia tanto para os pares-concorrentes no universo erudito como para um público leitor mais amplo.⁶

Em todas essas fases, consumiu clássicos e livros de ponta nas mais variadas áreas do conhecimento. Lia em francês, inglês e espanhol. Segundo depoimentos de época, acumulou uma biblioteca invejável para os padrões locais, infelizmente perdida. Assinou periódicos do Rio de Janeiro e de Buenos Aires.⁷ E produziu registros explícitos e indiretos dessas leituras em suas próprias produções. O objetivo principal deste artigo é avaliar o perfil leitor de Simões Lopes Neto e suas condições de possibilidade na fronteira sul do Brasil. A que títulos ele tinha acesso e como os manipulava? O que os padrões de uso nos revelam sobre a cena intelectual na região, sua inserção no campo nacional de produção cultural e suas relações com os países vizinhos, Uruguai e Argentina?

O método e os percursos da pesquisa

Como dito, Simões Lopes Neto foi um autor produtivo, apesar dos poucos títulos publicados em vida. A tentativa de edição de sua “obra completa”, em 2003, pela Editora Sulina, apresenta 958 páginas, descontada a perigrafia alógrafa⁸; e ela deixa de fora material até então desconhecido ou pouco valorizado. Nos últimos anos, novos textos literários simonianos foram descobertos em estado de manuscrito ou em folhetim de jornal, mas também se deu atenção à produção não ficcional, ou híbrida, já conhecida desde os primeiros levantamentos do jornalista Carlos Reverbel, nos periódicos de Pelotas, durante os anos 1940.⁹ Não causará, portanto, nenhuma surpresa se mais textos forem encontrados nos próximos anos, principalmente no atual contexto de duplo e complementar interesse acadêmico e editorial pelo autor, que instiga novas buscas.¹⁰ A bibliografia simoniana segue provisória, portanto, como muito de sua interpretação. Mas já é possível apresentar um inventário extenso de sua produção hoje acessível por diversas vias. Em livros (ou projetados como): uma conferência, uma cartilha de alfabetização, um romance de formação escolar, um ensaio histórico, uma coletânea folclorista, três livros de narrativa curta (contos, lendas e “casos”). Em periódicos (somente): uma novela

⁶ Luís Augusto Fischer chegou a cronologia semelhante a partir da análise dos textos simonianos. Ver FISCHER, Luís Augusto. Contexto e natureza de terra gaúcha. In: LOPES NETO, João Simões. *Terra gaúcha: histórias de infância*. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2013.

⁷ Aldyr Garcia Schlee conta que, em 1958, foi realizada uma série de entrevistas com jornalistas que trabalharam com Simões Lopes Neto, com intuito de produzir uma reportagem para a revista *Ponto de Vista*, nunca publicada. Nesses relatos, se encontrariam as referências às assinaturas das revistas *Mundo Argentino* e *Caras y Caretas*, além da revista *Kosmos*, publicada no Rio de Janeiro entre 1904 e 1920. Ver SCHLEE, Aldyr Garcia. Simões Lopes Neto e a literatura dos povos platinos. *Letras de Hoje*, n. 77, Porto Alegre, 1989, p. 88.

⁸ A perigrafia é um conjunto de elementos paratextuais que prolongam o texto e condicionam, ao menos em parte, sua leitura, como prefácios, frontispícios, notas de pé de página, bibliografias, imagens, posfácios etc. Ver GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê, 2009.

⁹ Contratado pela Editora Globo, de Porto Alegre, para buscar trabalhos inéditos e levantar dados biográficos de Simões, na sua cidade natal, no momento em que preparava edição crítica, de 1949, organizada por Aurélio Buarque de Holanda.

¹⁰ Em recente entrevista, Luís Augusto Fischer aponta para essa dupla frente de investimentos atuais na obra de Simões Lopes Neto. Ver FISCHER, Luís Augusto e PRIKLADNICKI, Fábio. Simões Lopes Neto intuiu um modo excelente de costurar história e ficção (entrevista). *Zero Hora*, Porto Alegre, 18 out. 2016. Disponível em <goo.gl/WR1djC>. Acesso em 10 nov. 2017.

(em coautoria), duas séries de poesia, três séries de crônicas/inquéritos, uma revista especial, com sete números¹¹, e muitos textos esparsos, incluindo necrológicos, editoriais políticos, estudos técnicos e um conto avulso (“O menino do presépio”). Em teatro: ao menos quatorze peças, ainda que não se tenha certeza de que todas tenham alcançado os palcos.

Como lidar com um *corpus* tão grande? Numa gênese da literatura de imaginação consagrada, importa sobretudo essa produção, incluindo seus estágios iniciais de formalização. Importam também os nexos entre história e literatura, que apontam para títulos pouco conhecidos e edições póstumas que foram renegadas pela crítica encomiástica. Mas sempre me pareceu interessante confrontar o “cânone” simoniano – seus textos “obrigatórios”, os contos e as lendas – com os trabalhos menores. Chegamos, assim, à questão da seleção. Ela exige, evidentemente, o conhecimento do conjunto. À medida que fui empreendendo uma leitura extensiva desses escritos, percebi elementos periféricos significativos, com grande potencial de exploração, notavelmente as citações ocasionais feitas por Simões. Elas acabaram se tornando um guia nessa etapa de reconhecimento da documentação, quando procedi a uma coleta de referências do autor. Ao buscar escolher adequadamente os textos não consagrados que poderiam ser explorados, acabei encontrando uma oportunidade para dar algum tipo de tratamento analítico a uma massa de fontes tão volumosa.

Há testemunhos apontando para a existência de uma biblioteca pessoal considerável no gabinete em que Simões Lopes Neto estudava e dava vazão a seus projetos.¹² Também é certo que ele utilizava os serviços da Biblioteca Pública Pelotense (BPP), da qual compôs o quadro diretor por muitos anos. Como secretário da instituição, não é absurdo especular que tenha orientado a aquisição de livros, numa curadoria que certamente atendia a seus interesses e gostos pessoais. Em sentido inverso, chegou, inclusive, a ofertar exemplares de seu acervo para a instituição. O segundo volume dos anais da BPP, de 1905, menciona a doação de 23 títulos pelo futuro escritor.¹³ Essas situações nos lembram um dado axiomático, mas nem por isso irrelevante: toda escrita é anteriormente uma leitura ou, dizendo de outro modo, “não há texto que não seja o cruzamento de muitas leituras”.¹⁴

A biblioteca imaginária de Simões Lopes Neto que eu pude construir, quer dizer, o conjunto de suas referências de leitura por mim coletadas, é, obviamente, uma amostra muito parcial das bibliotecas reais a que ele teve acesso. Não bastasse o fato de que essa é nossa única via de reconstituição dos livros e escritores (provavelmente) lidos, o que já justificaria a empresa, também tem a vantagem de revelar uma espécie de pragmática das citações, ou seja, as condições de uso de obras, autores, gêneros e disciplinas, que regiam suas próprias necessidades de escrita. Nisso, aliás, minha proposta se difere

¹¹ Os números 7 e 8 foram publicados como edição única.

¹² Ver, por exemplo, entrevista concedida pela viúva do escritor, Francisca Meirelles Simões Lopes, em 1945. REVERBEL, Carlos. “Tu és a minha estrela do sol posto...”. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 25 ago. 1945.

¹³ A menção à doação de Simões foi relatada em DOMINGUES, Fausto. Um baú desfalcado e uma biblioteca vendida a retalho. In: STORCHI, Ceres (org.). *Simões Lopes Neto: onde não chega o olhar prossegue o pensamento* (catálogo de exposição). São Paulo: Santander Cultural, 2016, p. 15. Infelizmente, o exemplar da publicação não estava disponível para consulta nas ocasiões em que pesquisei na instituição.

¹⁴ PINTO, Júlio Pimentel. *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 11.



de antecedentes semelhantes, que acabaram centrados na confecção de listas de autores e obras. No principal deles, Cláudia Antunes fez um levantamento minucioso de citações diretas e indiretas nos textos simonianos conhecidos até então, contabilizando 59 autores mobilizados.¹⁵ Sua apresentação dos intertextos relaciona algumas fontes importantes para a produção dos contos e das lendas, que são cruzadas com obras não citadas por Simões, mas que circulavam na Pelotas do período, recorrendo, para tanto, a indicações anteriores de Aldyr Garcia Schlee¹⁶ e aos catálogos das duas principais livrarias locais, a Americana e a Universal. Contudo, a autora não desenvolve nem análises quantitativas, nem qualitativas a partir desse cotejo. Seu maior objetivo é apresentar um quadro geral do material que poderia compor a biblioteca pessoal de Simões Lopes Neto (incluindo periódicos, obras técnicas e de referência), no que alcançou 349 títulos.

No meu próprio percurso de pesquisa, cheguei a resultados diferentes, com um número maior de autores citados – 118 – e uma lista muito mais reduzida de títulos – 66. Por certo, nos últimos anos houve novas descobertas e edições de manuscritos, como os casos de *Artinha de leitura*, método de alfabetização reprovado pelo Conselho de Instrução Pública do Rio Grande do Sul, e do primeiro *Terra gaúcha*, livro de leitura escolar que não chegou a ser concluído, o que também explica a ampliação das referências. Mas as diferenças podem ser creditadas principalmente às nossas opções metodológicas. Entre os autores citados diretamente, eu preferi selecionar apenas aqueles em que a *performance* do texto simoniano insinuasse conhecimento de sua obra.¹⁷ Daí a ausência no meu inventário de alguns escritores arrolados por Antunes. Além disso, evitei a inclusão de livros que não possuem uma forte indicação de uso, mesmo que indireto e reconhecível apenas por atribuição, minha ou da fortuna crítica de Simões Lopes Neto. Como veremos abaixo, o autor mencionava, com grande frequência, outros escritores sem indicar as suas obras específicas. Assim, optei por apresentar apenas os títulos citados e aqueles cuja reconstituição não fosse muito problemática.¹⁸

Evidentemente, ainda que bastante representativo das referências simonianas, o painel que eu compus não é completo, quer pela provável ampliação futura da obra, como vimos, quer pelas possíveis omissões e obstáculos inscritos na temporalidade da pesquisa de que este trabalho faz parte.¹⁹ É necessário, portanto, assumir a transitoriedade do meu trabalho de coleta. Nem por isso, ele perde seu potencial heurístico. Nesse sentido, o material analisado deve ser compreendido como uma amostragem, suficientemente extensa e

¹⁵ Ver ANTUNES, Cláudia Rejane. *Geografia do mundo simoniano*, 2 v. Tese (Doutorado em Letras) – PUC-RS, Porto Alegre 2005.

¹⁶ Ver SCHLEE, Aldyr Garcia, *op. cit.*

¹⁷ Em alguns momentos, Simões menciona muito de passagem alguns escritores, mais como exemplos de domínio comum em determinada seara do conhecimento, ou lembra algum fato biográfico sem qualquer relação com a produção escrita.

¹⁸ Por exemplo, quando o autor mencionado possuía apenas um título publicado até a data da citação simoniana. Ou, ainda, quando o contexto discursivo de uso explicita um tema ou questão que podem ser recuperados em alguma obra específica do autor citado.

¹⁹ Diversos tomos dos jornais pelotenses abrigados na Biblioteca Pública Pelotense (BPP) foram interditados à consulta nos últimos anos, em função da necessidade de restauro e preservação. Alguns textos não reproduzidos em livros, nem disponíveis em outros acervos, como a hemeroteca da Biblioteca Nacional ou o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, em Porto Alegre, não puderam ser acessados por essa razão.

precisa para se verificar algumas tendências de leitura e de uso na produção escrita.

O problema dos cânones

Sem dúvidas, existia uma dimensão performativa na própria organização de uma biblioteca pessoal, da qual a publicização das doações de exemplares à BPP, no caso de Simões Lopes Neto, podia fazer parte. Como notou Giselle Venancio, na esteira de Regina Abreu, colecionar livros, na virada do século XIX, era uma etapa de formação e uma espécie de emblema: “Possuir um gabinete de leitura, estantes cobertas de livros, uma quantidade de raridades ou de livros pertencentes aos cânones literários ou estrangeiros simbolizavam para os seus pares sua importância intelectual”.²⁰ Da mesma forma, a ostentação de epígrafes, citações e menções a autores consagrados pode ser compreendida como uma estratégia semelhante de afirmação no universo erudito, além de permitir a autoconstrução como intelectual público num circuito mais amplo de leitores. A ideia de cânone, retirada da linguagem religiosa, como sabemos, tem origem na elaboração de listas de leitura obrigatórias para uma educação literária sofisticada.²¹ O quadro de referências intelectual de Simões Lopes Neto nos dá acesso a uma versão depurada desse duplo trabalho de formação pela leitura de clássicos e de autoafirmação como letrado, ao mesmo tempo autoridade e “mediador” de certa tradição erudita.

A Tabela 1 apresenta a distribuição dos títulos citados de acordo com área de conhecimento/disciplina de origem.

Tabela I. Classificação dos livros citados por SLN

Disciplina/área de conhecimento	Títulos
<i>Ciências Naturais</i>	4
<i>Educação</i>	6
<i>História do Brasil</i>	10
<i>História do Rio Grande do Sul</i>	9
<i>História geral</i>	2
<i>Biografias, memórias e autobiografias</i>	2
<i>Literatura Brasileira</i>	5
<i>Literatura Rio-Grandense</i>	8
<i>Literatura Estrangeira</i>	7
<i>Folclore</i>	5
<i>Almanaques e obras de referência</i>	5
<i>Outros</i>	3
<i>Total</i>	66

²⁰ VENANCIO, Giselle Martins. Da escrita impressa aos impressos de biblioteca: uma análise da trajetória de leitura de Francisco José de Oliveira Vianna. In: DUTRA, Eliana de Freitas e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 90.

²¹ A esse respeito, ver BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

Esse cânone particular, aqui entendido como “a relação de um leitor e escritor individuais com o que se preservou do que se escreveu”²², apresenta uma variedade relativa considerável, concordante com as necessidades de um produtor não especializado do período. Há, nele, trabalhos de Ciências Naturais de grande impacto e circulação internacional, como *A origem das espécies* (1859), de Charles Darwin, ou *Princípios de geologia* (1839), de Charles Lyell, mas também há espaço para uma obra de interesse nacional na área, as *Memórias sobre a paleontologia brasileira*, publicadas na *Revista do IGHB*, de autoria de Peter Wilhelm Lund, naturalista dinamarquês considerado o fundador da Paleontologia e da Arqueologia no país. Também há textos de apoio para essas incursões científicas, como a autobiografia de Darwin e o ensaio *L'irréligion de la science* (1876), do escritor socialista Ernest Lesigne, de onde Simões retirou os principais argumentos para uma série de artigos de divulgação do evolucionismo biológico, intitulada “Uma trindade científica” (1913) – Darwin, Haeckel e Lamarck –, publicada como defesa do ensino leigo.

Haja vista a lista construída, grande parte dos estudos do escritor se concentrava mesmo nas Humanidades, como Educação, Folclore, História e Literatura. Demonstrando domínio sobre sua primeira área de intervenção, o autor cita ensaios como *A educação nacional* (1890), de José Verissimo, direcionado a intelectuais/autores e autoridades públicas, e obras didáticas como *Coração* (1886), do italiano Edmundo De Amicis, livro de leitura amplamente utilizado pelos estudantes brasileiros no momento, ou *Porque me ufano de meu país* (1900), tentativa de nacionalização da leitura escolar realizada por Afonso Celso Júnior. Os títulos folclóricos também oscilam entre a formação cívica de estudantes, como *Festas nacionais* (1896), de Rodrigo Otávio, a coleta erudita de narrativas orais, como os *Contos populares do Brasil* (1885), de Silvio Romero²³, e empreendimentos de salvaguarda de “tradições” quase historiográficos, como o *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul* (1883), de João Cezimbra Jacques. Aliás, as articulações entre o educativo, o literário, o histórico e o folclórico, nas diferentes possibilidades combinatórias encontradas no campo cultural brasileiro do período, além do necessário trânsito entre os registros cultos e populares de linguagem por elas exigidos, ofereceram caminhos para a efetivação do projeto intelectual simoniano. Quer dizer, essa lista de leitura evidencia que alguns dos parâmetros de composição dos contos e das lendas simonianas regionalistas eram encontrados em narrativas não ficcionais e em ficção com ambição documental.

As duas principais áreas de interesse de leitura de Simões Lopes Neto eram, sem sombra de dúvidas, a História e a literatura de imaginação. Contabilizando relatos de viajantes na primeira rubrica, temos 21 títulos históricos e 20 títulos ficcionais, cerca de dois terços dos livros citados direta ou indiretamente pelo autor. Nos dois segmentos, repete-se o mesmo padrão: predominância de temática brasileira, 19 e 13 obras, respectivamente, e divisão quase equitativa entre assuntos “nacionais” e “regionais”. Como veremos a seguir, isso não é apenas um efeito da pragmática das citações, quer dizer, de seus usos direcionados para o campo intelectual regional, mas de uma condição

²² BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2001, p. 25.

²³ Casos de citação direta de autores, com referência indireta a obras de fácil atribuição.

estrutural desse campo, que começa, já na virada do século, a definir problemas e perspectivas próprios, com produção e consumo interno de títulos nas duas áreas.

São citados quase todos os trabalhos de historiadores diletantes sobre o Rio Grande do Sul até então publicados; mais de uma vez, inclusive. É o caso dos primeiros exercícios de escrita de história na província – *Memórias econômico-políticas sobre a administração pública do Brasil* (1822), de Antonio José Gonçalves Chaves; *Anais da Província de São Pedro* (1819-1822), de José Feliciano Fernandes Pinheiro – e da relativamente recente historiografia republicana, como a exemplar *História popular do Rio Grande do Sul* (1882), de Alcides Lima, além do relato de Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1821-1822), que, a julgar pelo comentário de Simões sobre o raro exemplar da BPP, ainda parecia circular pouco no estado. Entre os livros de História do Brasil, destaca-se uma longa lista de autores estrangeiros, citados como lamento pela escassa produção nacional na área.²⁴

Em Literatura Brasileira prevalecem obras suas contemporâneas, como *O missionário* (1899), de Inglês de Souza. Mesma tendência quanto à produção rio-grandense, como não poderia deixar de ser nesse caso, diante da organização tardia da província. Afinado às configurações da cena letrada regional, Simões cita títulos relevantes das duas gerações que lhe precederam, em prosa, poesia e teatro, como a reunião póstuma de versos *Auras do Sul* (1888) de Francisco Lobo da Costa, o livro de poemas *As provincianas* (1886), de Bernardo Taveira Júnior, e a comédia *Gaúchos* (1890), de Damasceno Vieira. Nesse sentido, é importante destacar a ausência de grandes nomes do romantismo regionalista sul-rio-grandense, com base de atuação em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, como Caldre e Fião, precursor do romance de temática local na província. Mesmo Apolinário Porto Alegre, autor de *O vaqueano* (1872), a mais conhecida resposta ficcional da elite letrada rio-grandense ao romance *O gaúcho* (1870), de José de Alencar, só é mencionado, na amostragem, uma única vez; ainda assim, sob seu pseudônimo Iriema, em transcrição de poema, sem nenhum comentário sobre o autor.²⁵ Esse quase silêncio é ainda mais contundente, uma vez que Apolinário experimentou gêneros e disciplinas semelhantes aos de Simões e era notoriamente reconhecido como o maior expoente da Sociedade Partenon Literário, primeira associação de escritores com ares de academia no Rio Grande do Sul, da qual também faziam parte Damasceno Vieira e Taveira Júnior.

Durante sua conferência em comemoração ao primeiro aniversário da Academia Rio-Grandense de Letras (ARGL), em 1911, nosso personagem traçou um panorama da formação social e política da região, aproveitando a pe-

²⁴ São eles: Alphonse de Beauchamp (1767-1832), *Histoire du Brésil* (1815), Andrew Grant (?), *History of Brazil* (1809), John Armitage (1807-1856), *The history of Brazil* (1836), Robert Southey (1774-1843), *History of Brazil* (1810), James Henderson (1783-1848), *A history of Brazil* (1821), Jean Ferdinand-Denis (1798-1890) (vários títulos).

²⁵ Apolinário Porto Alegre e outros membros da Sociedade Partenon Literário, na verdade, eram entusiastas do romance regionalista de Alencar. Para eles, o problema era o descompasso entre o mito partenonista do centauro da pampa e o protagonista alencariano Manuel Canho, excessivamente misantropo, alheio à vida política e aproximado aos inimigos platinos. É nesse sentido que *O vaqueano* corrigiria *O gaúcho*. Ver ZALLA, Jocelito. O gaúcho de José de Alencar e a nação como projeto: “romantismo político” à brasileira? *Nau Literária*, v. 6, n. 2, Porto Alegre, 2010, p. 5 e 6.

riodização construída no ensaio histórico ainda inédito *Terra gaúcha* (e algumas de suas páginas), para explicar o “atraso” intelectual da província em relação ao centro do país e a outros entes da federação. Elabora, assim, originalmente, uma tese ainda hoje defendida na história cultural do Rio Grande do Sul, a de que a mobilização da sociedade para as guerras de fronteira retardou o desenvolvimento de instituições e mecanismos de produção e de circulação de bens culturais, chegando a marco cronológico idêntico ao da historiografia profissional contemporânea para a mudança do cenário: 1870, com o fim da Guerra do Paraguai.²⁶ A partir daí, defende o autor, o Rio Grande poderia ostentar nomes relevantes nos mais variados gêneros discursivos, no que ele revela uma avançada compreensão de seu campo de atuação.²⁷

Assim, a análise da biblioteca imaginária de Simões me permite formular uma hipótese sobre a sua literatura de ficção consagrada, a de que o autor tenha preferido deliberadamente estabelecer diálogos com escritores que assumiram a palavra “gaúcho”, em suas versões do regionalismo literário, e a figuração da tradição letrada fronteiriça, como Damasceno Vieira, Bernardo Taveira Júnior, Lobo da Costa e seu antecessor direto na prosa nativista Luís Araújo Filho, cujo livro *Recordações gaúchas* (1898) é recorrentemente usado como intertexto. Talvez, até mesmo, buscasse construir, ainda que de maneira vaga, sua própria genealogia literária, um pouco mais ampla do que a lista arrolada em sua conferência na ARGL, escolhendo esses escritores como seus precursores, ao invés do romantismo porto-alegrense mais corriqueiro e sua fuga do “problema gaúcho”, quer dizer, do estigma social que a palavra carregava no século XIX, de que tratarei mais adiante. Sintomaticamente, a maioria deles possuía base municipal alternativa à capital da província, como Rio Grande, Alegrete, Pelotas, e/ou apresentavam em suas biografias alguma passagem profissional por cidades da zona de fronteira ou da campanha gaúcha.²⁸

Outro aspecto interessante é a incidência maior nas referências simonianas de obras de literatura estrangeira (7 ocorrências) do que de História geral (2). Essa abertura ao “cânone ocidental” pode indicar um recurso de autoridade de fácil inteligibilidade, ao apelar a títulos consagrados, mas de maior circulação entre as camadas médias letradas, como, por exemplo, o *Fausto* (1808), do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe, ou *As viagens de Gulliver* (1726), do irlandês Jonathan Swift. Ainda assim, é de se pensar que a educação

²⁶ Apesar da produção de historiadores universitários contemporâneos abordar textos anteriores a 1870, publicados na imprensa periódica local, é comum se ressaltar que apenas no final da década 1860 houve condições para a formação de agremiações letradas duradouras, como a Sociedade Partenon (1868). Já editoras de livros se desenvolveriam a partir de livrarias locais principalmente depois dos anos 1880, tendo como centro o eixo Pelotas-Rio Grande, só superado por Porto Alegre no início do século XX. Ver, a respeito, GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso – um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*. Porto Alegre: Editoras Associadas, 2009, e PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Buqui, 2017.

²⁷ Ver LOPES NETO, João Simões. Discurso proferido na Academia de Letras do Rio Grande do Sul (sessão aniversária de 11 de junho de 1911). *Revista da Academia de Letras*, n. 8, Porto Alegre, set.-nov. 1911.

²⁸ Lobo da Costa (1853-1888) trabalhou e veio a falecer na cidade de Pelotas. Bernardo Taveira Júnior (1836-1892) também era pelotense. João Damasceno Vieira Fernandes (1850-1910) nasceu em Porto Alegre, onde foi funcionário público na mocidade, mas atuou posteriormente junto à alfândega de Pelotas. Foi membro do Partenon Literário. Há poucos dados biográficos de Luiz Araújo Filho, mas sabe-se que sua base era o município fronteiriço de Alegrete.

literária pelas obras internacionais ofereceu uma perspectiva mais ampla para sua própria literatura, numa comparação com sua historiografia, que era voltada a debates internos bastante restritos, com fontes brasileiras e platinas muito tradicionais. Talvez venha daí, também, a feição mais “moderna” de sua prosa frente a de contemporâneos como Alcides Maya (1878-1944), que seguiam os parâmetros acadêmicos nacionais de alta ficção e seu gosto parnasiano/naturalista peculiar.

Para testar essas análises e a validade das hipóteses por elas sustentadas, submeti, na Tabela II, os 118 autores citados por Simões Lopes Neto a uma distribuição semelhante à dos 66 títulos identificados, de acordo com sua principal área/disciplina de exercício.

Tabela II. Classificação dos autores citados por SLN

Disciplina/área de conhecimento	Títulos
<i>Ciências Naturais</i>	10
<i>Ciências Sociais e Pensamento Político</i>	4
<i>Filosofia</i>	6
<i>Educação</i>	11
<i>História do Brasil</i>	14
<i>História do Rio Grande do Sul</i>	10
<i>História geral</i>	2
<i>Biografias, memórias e autobiografias</i>	2
<i>Literatura Brasileira</i>	12
<i>Literatura Rio-Grandense</i>	14
<i>Literatura Estrangeira</i>	14
<i>Folclore</i>	5
<i>Estudos de língua</i>	2
<i>Almanaques e obras de referência</i>	5
<i>Outros</i>	3
<i>Não identificados</i>	5
<i>Total</i>	119 ²⁹

A ampliação numérica do *corpus* não modifica substancialmente o padrão de interesses de leitura. Nessa contabilidade, temos 26 referências em História e 40 em literatura, os dois segmentos privilegiados. Somados, eles representam pouco mais da metade dos autores/obras citados. Na sequência, Educação (11 ocorrências), Ciências Naturais (10), Filosofia (6) e Folclore (5), são as maiores rubricas. Todavia, a segunda, uma área do conhecimento não individualizada, abriga disciplinas bastante distintas, tais como Zoologia, Paleontologia e Geologia. Minha opção por reuni-las em apenas um item se justifica pela pequena incidência de autores em cada uma delas, mas também pela

²⁹ Um autor se repete para dois títulos diferentes, daí a soma fechar em 119 ocorrências. É ele Charles Darwin, com *A origem das espécies* e sua autobiografia publicada postumamente.

unidade de seu contexto discursivo de referência, basicamente a série de artigos de divulgação científica sobre Darwin, Haeckel e Lamarck, de 1913, já citada. Em contrapartida, aglutinei como “Ciências Sociais e Pensamento Político” as menções ao sociólogo e psicólogo social francês Gustave Le Bon e aos políticos e ensaístas brasileiros Joaquim Nabuco e Manuel Bonfim, por exemplo. Quer dizer, aqui se encontram as “obras de ideias”. Sem indicação de títulos específicos, também foram referenciados 6 filósofos de tradições e temporalidades muito distintas, como os antigos Aristóteles e Xenófonos de Cólofon (de relevância bastante díspar para a área, como se percebe), e um dos principais filósofos da era moderna, o prussiano Immanuel Kant. Vale a pena mencionar ainda Herbert Spencer, considerado representante do liberalismo clássico que também forneceu as bases para o evolucionismo social e as teorias raciais do fim de século, provável antídoto ao positivismo ortodoxo dominante nas elites políticas rio-grandenses do período. Já a lista de obras de referência/consulta não se modifica. Nela se encontram os almanaques produzidos no estado e o *Vocabulário Sul-Rio-Grandense* (1898), de José Romaguera Corrêa, frequentemente acionado por nosso autor, além da *Enciclopédia ilustrada portuguesa* (1910).

Se o quadro de referências historiográficas aumenta pouco, o cânone literário tem um significativo incremento. Aparecem, nessa contabilidade, nomes como os dos romancistas Victor Hugo, Walter Scott e José de Alencar, grandes expoentes dos romantismos francês, escocês e brasileiro. No teatro, são acrescidos à dramaturgia sul-rio-grandense o clássico grego Ésquilo, o norueguês Henrik Ibsen (em intertexto), considerado um dos criadores do teatro realista moderno, e, com uma menção aos esforços nacionais então recentes na área, a obra de Arthur de Azevedo. A maior expansão no *corpus* se dá mesmo em relação à poesia. Para melhor dimensionar essa configuração e apresentar um balanço dos gêneros de interesse para Simões Lopes Neto, classifiquei as 40 referências literárias na tabela abaixo.

Tabela III. Autores de literatura – gêneros do discurso

Gênero	Subgênero	Ocorrências	
<i>Poesia</i>	Épica	3	19
	Lírica	16	
<i>Prosa narrativa</i>	Romance	7	12
	Novela	1	
	Conto	4	
<i>Teatro</i>			8
<i>Crônica</i>			1
<i>Total</i>			40

Quase a metade da biblioteca imaginária de literatura de Simões Lopes Neto é dedicada à poesia, majoritariamente na modalidade lírica, à exceção de três poemas épicos: *Os lusíadas* (1572), de Camões, o já lembrado *Fausto*, de Goethe, e, com uma menção ao rio-grandense Mário de Artagão, *As infernais* (1890). Nesse gênero, são dominantes os autores locais, como Joaquim de As-

sis Brasil, também historiador republicano, Lobo da Costa e os precursores da poesia gauchesca autoral no estado, Taveira Júnior e Múcio Teixeira. Sem a indicação de títulos, não é possível classificar o teatro, mas a maioria dos citados praticava tanto o drama como a comédia. O peso da dramaturgia no padrão de leitura de Simões, aliás, é significativo, como não poderia deixar de ser para um autor amador de peças locais. Contudo, essas apropriações não eram função direta de trocas formais internas ao gênero. A comédia *Os gaúchos*, de Damasceno Vieira, por exemplo, é lembrada muito mais pela sua temática, em contexto de citação folclorista, em seu *Cancioneiro guasca* (1910), na última etapa da trajetória intelectual. A dramaturgia do jovem Simões, como sabemos, trazia muito pouco do universo campeiro. Já na prosa narrativa, o privilégio cabe ao romance. Em 12 referências, também comparecem subrepticamente a *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert, e explicitamente *Os farrapos* (1877), de Oliveira Belo. Dos três contistas, dois também poderiam ser enquadrados como romancistas: Alcides Maya e Coelho Neto. Tendo aparecido, ambos, em dedicatórias de narrativas simonianas curtas, me pareceu razoável compreendê-los como referências do autor nesse gênero. Um terceiro poderia mesmo escapar dessa classificação. É ele Rudolf Erich Raspe, com *As aventuras do Barão de Münchhausen* (1785), historietas que serviram de modelo direto para os *Casos do Romualdo*, anedotário deixado também inédito em livro, mas publicado em folhetim no *Correio Mercantil*, de Pelotas, em 1914. A única novela lembrada (e com muita frequência), também forneceu parâmetros de composição literária a Simões: *Recordações gaúchas* (1898), de Luiz Araújo Filho. Na crônica, foi citada a coletânea *Humorismo* (1895), de Urbano Duarte, uma menção que vale aqui mais para ressaltar a intimidade do personagem com a produção nacional contemporânea a suas primeiras imersões no gênero.

Se a poesia lírica obtinha a preferência do Simões leitor, nela predominavam autores românticos e simbolistas. Entre os primeiros, figuravam principalmente os rio-grandenses, regionalistas ou não. Entre os segundos, João da Cruz e Sousa, o “Dante Negro”, que introduziu a corrente no Brasil com *Broquéis* (1893), além de nomes como Francisco Mangabeira, fundador do grupo simbolista baiano Nova Cruzada, e Silveira Neto, amigo de Cruz e Sousa que alcançou prestígio nacional com *Luar de inverno* (1900). Historiando as letras nacionais, na conferência da ARGL, Simões também citou clássicos da Arcádia, como Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa, e encontrou espaço para a obscura rio-grandense Clarinda da Costa Siqueira. Dos poucos parnasianos lembrados, destaque para Alberto de Oliveira, fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL), que compunha a grande tríade de autores consagrados da escola, com Olavo Bilac e Raimundo Correa.

É interessante notar que o jovem Simões inicia suas incursões nos jornais pelotenses com triolés parnasianos, mas na medida em que migra para a prosa, amplia as referências de leitura para outras correntes poéticas. Essa configuração me faz tecer duas hipóteses complementares. Primeiro, a lírica exerce importante influência sobre o trabalho do escritor, fornecendo, inclusive, um critério de seleção para a sua coleção folclórica, materializada no *Cancioneiro guasca*, em que predomina poesia oral anônima de temática amorosa. Na prosa de ficção autoral, ela também fornecerá técnicas de composição e modelos de linguagem, principalmente de inspiração simbolista, quer dizer,

dando primazia à construção de imagens, ou melhor, colocando o trabalho de linguagem a serviço da descrição. O contista Simões Lopes Neto está para o verso simbolista como o contista regionalista seu contemporâneo Alcides Maya está para o verso parnasiano. Essa relação pode ser sustentada por um dado da história literária brasileira: em oposição à rigidez das construções estéticas acadêmicas dominantes, como é sabido, os poetas modernistas buscariam antecedentes na vertente simbolista concorrente do mesmo período. No Rio Grande do Sul, onde ela foi hegemônica na Primeira República, a geração modernista, já no final da década de 1920, podia assumir relação de continuidade com os intelectuais estabelecidos, diferentemente dos modernismos no centro do país e suas necessidades de ruptura, ao menos no plano da estética, com os literatos acadêmicos. Daí, também, a sensibilidade literária dos modernistas gaúchos preferir, na prosa, o regionalismo de Simões Lopes ao de Alcides Maya. A hipótese complementar, já esboçada anteriormente, indica que o autor buscou fora do gênero conto as soluções originais para a sua própria contística. Assim, o teatro também oferecerá técnicas de fatura de diálogos, por exemplo. No geral, a fortuna crítica simoniana buscou compará-lo com antecedentes e contemporâneos em seu gênero de exercício, o que potencializou as sensações de estranhamento e de encanto com a modernidade do autor. A análise da biblioteca imaginária de Simões Lopes Neto nos permite, assim, percorrer outros caminhos, historicizando seu processo criativo.

Leitura e repertório

Os 118 autores identificados foram citados 178 vezes por Simões Lopes Neto, pelo que pude apurar. Portanto, a repetição não era muito comum na sua pragmática das referências. Alguns deles, na verdade, são nomes assíduos, aparecendo várias vezes num único texto ou em trabalhos diversos, inclusive em áreas distintas, como o folclore e a ficção. Casos de Romaguera Corrêa e Luiz Araújo Filho. O mais comum, no entanto, era lançar mão economicamente de títulos e autores tão diferentes quanto a gama de assuntos abordados, o que sempre demonstrava uma erudição prodigiosa a seus interlocutores, principalmente nos gêneros públicos, como as conferências e o jornalismo. Cada nova seara explorada abria, assim, um leque de leituras específicas, o que explica o vasto repertório mobilizado ao longo dos anos. As fontes simonianas hoje disponíveis também nos oferecem uma boa representação de suas variações temporais de usos de leitura. Como já exploramos suficientemente as disciplinas/gêneros/obras apropriados, passarei agora a tratar das condições e situações de apropriação. Para verificar mudanças de padrões, distribuí, nas tabelas IV e V, todas as referências coletadas de acordo com a periodização biográfica apresentada anteriormente.

Tabela IV. Classificação das referências pelas frentes de atuação do autor

	Jornalismo	Teatro	Educação	História	Folclore	Literatura	Total
1888-1904	10	8	-	-	-	1	19
1904-1910	-	-	51	10	-	-	61
1910-1916	61	2	3	--	11	21	98
Total	71	10	54	10	11	22	178

Obviamente, a concentração de referências no *corpus* analisado se daria no período de maior atividade escrita, quando Simões se torna um jornalista/publicista profissional e lança sua literatura de imaginação. No entanto, a classificação das ocorrências por áreas de atuação revela nuances significativas. Uma das frentes simonianas que mais exigia o concurso a autores externos era a Educação, foco da segunda fase de sua trajetória, quando ele ainda se construía como intelectual público (Tabela IV). Esse dado poderia ser creditado ao seu principal gênero de exercício no momento, a conferência. No entanto, a ficção didática também possuía elevado número de citações (Tabela V). Ou seja, elas não configuravam apenas recursos de autoridade e fontes necessárias para a produção de discurso, mas também objetos de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a menção a um autor e/ou obra era uma indicação de leitura aos possíveis neófitos da área. Algo parecido aconteceria com o jornalismo literário da terceira fase, quando Simões seleciona e transcreve poemas, crônicas, pequenos contos e trechos de romances na seção “Artes e Letras”, do *Correio Mercantil*. Mesmo seus artigos sobre ciência, como vimos, se justificavam como um esforço educativo de divulgação. Isso mostra que, de certa forma, não houve uma mudança radical de interesses intelectuais do autor entre a segunda e a terceira fase de sua vida pública, quando ocorreu sua profissionalização no campo. Simões levou para o periodismo suas preocupações anteriores, o que incluía a História. Basta lembrar que sua historiografia mais localista, a respeito do município de Pelotas, já sugerida em texto dos *Anais da BPP*, de 1905, se efetivou na edição comemorativa do centésimo aniversário da cidade, a *Revista do Centenário* (1911-1912). Portanto, é possível especular que, assim como o jornalismo, as novas frentes de ação no período – Folclore e Literatura – são tributárias de seu projeto educativo precedente, algo já sustentado por autores como Ligia Chiappini³⁰ e Luís Borges Pereira.³¹ Educação e História, ou melhor, a educação histórica é, internamente, a matriz de sua literatura de imaginação consagrada, mesmo produzindo ficção a partir de critérios folclórico/folcloristas e, principalmente, estéticos.

Tabela V. Classificação das referências pelos gêneros de uso

	Poesia	Teatro	Ficção/prosa	Crônica	Conferência	Didáticos	Historiografia	Folclore	Jornal/edição	Total
1ª fase	3	8	1	7	--	--	--	--	--	19
2ª fase	--		--	--	29	22	10	--	--	61
3ª fase	--	2	11	24	20	--	20	11	10	98
Total	3	10	12	31	49	22	30	11	10	178

³⁰ Ver CHIAPPINI, Ligia. *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

³¹ Ver PEREIRA, Luís Artur Borges. *João Simões Lopes Neto, o pensador social e a educação: breve estudo sobre a conferência “Educação Cívica”*. Tese (Doutorado em Educação) – UFPel, Pelotas, 2014.

A classificação das ocorrências de acordo com os gêneros de uso nos permite detalhar mais as condições de apropriação. A grande concentração no periodismo, como frente de ação, se dilui, assim, entre o exercício da crônica/reportagem, um gênero híbrido, típico dessa etapa de desenvolvimento do campo literário na América Latina³²; as conferências, que se tornam, nesta fase, uma espécie de “folhetim” publicado no pé da página dos jornais, da mesma forma que alguns contos; a curadoria literária-editorial; e, por fim, a escrita da história. Isso, com relativa equidade distributiva entre a crônica e a conferência, o que sugere certo parentesco, ao menos no nível do projeto simoniano; talvez função da semelhança de objeto, já que, em ambos os casos, o autor se dedicava com frequência a questões de Educação. Na prosa de ficção, como não poderia deixar de ser, a maioria das referências era implícita, com o aproveitamento de sugestões temáticas e formais de escritores precedentes. É interessante notar que o mesmo acontecia com a historiografia na segunda fase da trajetória simoniana, mas não na terceira, que registra, inclusive, maior número de referências, apesar do montante muito menor de páginas escritas. O segundo *Terra gaúcha* também foi encontrado em estado de manuscrito, o que pode indicar falta de revisão, além da ausência de aparato editorial de apoio. Mas o texto parece bastante completo para se supor que a publicação definitiva incluiria, por exemplo, notas de rodapé com a explicitação de todas as fontes. O original, aliás, já se encontrava finalizado, em mãos do escritor Alcides Maya para ser prefaciado. O contraste, no nível das citações, com a historiografia do centenário pelotense reforça a hipótese de que *Terra gaúcha*: história elementar do RS foi pensada como um ensaio.

Vale dizer, ainda, que não havia necessária correspondência entre os gêneros dos autores apropriados e os gêneros praticados na apropriação, algo que acontece com maior frequência quando se trata das grandes áreas/frentes de atuação de Simões Lopes Neto. Ou seja, enquanto ele buscava autores de Educação para falar de Educação, por exemplo, costumava consultar historiografia e folclore para produzir conferências, prosa de ficção e crônicas ou, em sentido inverso, poesia autoral para escrever folclore. Esse aspecto revela um maior aproveitamento temático do que formal, no nível interno do texto (à exceção das já levantadas relações entre poesia e prosa), além de usos ornamentais das citações.

Os problemas do campo

A “constelação de citações”, para usar um termo de Antoine Compagnon, revela, aliás, um escritor bastante familiarizado com modalidades de confecção de discursos coerentes a partir de fontes muito diversas³³, incluindo uma profícua intimidade de primeira hora com técnicas literárias heterodoxas. Indica, também, seu conhecimento de estratégias de autoafirmação no campo intelectual, que passavam pelo domínio de autores, disciplinas e gêneros textuais socialmente considerados importantes. Por isso, a biblioteca imaginária

³² Ver RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

³³ Como afirma Compagnon, “toda escrita é colagem, citação e comentário”. COMPAGNON, Antoine. *O trabalho de citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, p. 39.

de Simões Lopes também deve ser compreendida como um repertório de lugares-comuns, ou seja, um discurso e uma linguagem comuns, mas também “terrenos de encontro e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns”.³⁴ Desse acervo coletivo, ou melhor, desse recorte pessoal de recursos compartilhados, nosso autor retirava as respostas – temáticas e formais – para necessidades bastante pontuais.

Tais condições pragmáticas de suas apropriações explicam aparentes inconsistências teóricas ou contradições político-filosóficas. Era no “chão social” de suas batalhas discursivas que referências a nomes tão distintos como Gustave Le Bon, com suas ideias de superioridade racial, e Manoel Bomfim, com sua visão positiva da miscigenação no Brasil, ganhavam sentido.³⁵ Para ficarmos nesses exemplos, o evolucionismo social do primeiro podia ratificar um currículo científico e laico para as escolas, algo perseguido pela elite republicana regional, mas que encontrava resistência na expansão do sistema educativo confessional no Rio Grande do Sul daqueles anos. Era possível citá-lo, principalmente como recurso de autoridade, sem se comprometer com a totalidade de suas teses. Leitor de primeira hora de *América Latina: males de origem* (1905), de Bomfim, Simões parecia mesmo imune ao racismo científico tão em voga no momento. Nesse autor, encontrou amparo para descrever o habitante do Sul como um mestiço edificante, que retirava sua força civilizatória do encontro de diferentes povos. Ainda assim, conseguia dar grande destaque para a herança indígena, percebida como matriz das práticas culturais peculiares da fronteira platina. A razão pragmática dessa referência era tanto social como política, pois colocava a corrente colonizadora fronteiriça, que originou a economia latifundiária e a empresa escravista do charque, em primeiro plano na história do estado, na contramão da ideologia republicana positivista desenvolvida em Porto Alegre, que afirmava a branquitude sul-rio-grandense, abrindo espaços de representação ideológica para parcelas novas das elites luso-brasileiras e, em menor medida, ítalo e teuto-brasileiras em ascensão.

“Ciência” contra “ciência”. Basicamente era essa a estratégia simoniana em seus combates aos aspectos raciais do positivismo dominante no estado. Nisso, sua biblioteca imaginária revela aquilo que Bourdieu chamou de “programação intelectual” de uma sociedade e época. Ela inspira a atmosfera cientificista, evolucionista e positivista da virada do século, mas consegue romper com a ortodoxia ao buscar soluções para questões específicas. Na maioria das vezes, elas diziam respeito ao incipiente campo cultural sul-rio-grandense e ao campo político mais amplo do qual ele fazia parte. Ou seja, à “problemática obrigatória” que lhes definiam.

A temática regional/regionalista de suas obras principais não deixa dúvidas quanto às contingências do momento. Ainda assim, a pragmática das citações releva algumas de suas condições. Como dito, dois dos autores repetidos com mais frequência eram Romaguera Corrêa e Luiz Araújo Filho, em-

³⁴ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 207.

³⁵ Aqui exploro o argumento de Roberto Schwarz em texto já clássico a respeito das apropriações do liberalismo no Brasil escravista do oitocentos: SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar*. In: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.



pregados como apoio a suas descrições da vida campeira e à caracterização do gaúcho histórico. Elas evidenciam, ainda, uma questão semântica em aberto: a definição social da palavra gaúcho. O sistema classificatório regional apresentava muitas variações a esse respeito. Um testemunho “desde fora” pode ajudar a compreendê-las. Em 1893, o belga M. A. Baguet publicou um relato de sua passagem pela província em 1845, quando era cônsul no Rio de Janeiro. Mesclando registros histórico, geográfico e econômico e várias temporalidades (a da visita, a da escrita e as das localidades conhecidas, como Pelotas, Porto Alegre, São Leopoldo etc., acessadas por fontes escritas), o texto apresenta contradições na caracterização dos habitantes. Inicialmente, ele chama a “raça indígena” de “Rio Grandense”, e a aproxima dos tártaros e dos *gauchos* da República Argentina, além de apontar para a semelhança com os paulistas. Assim, estabelece uma distinção política e cultural entre os campeiros locais e os pares platinos. Em seguida, explica que ambas as “nações” eram produto do “cruzamento” de portugueses e espanhóis com os nativos guarani, o que permitia compará-los, prestando maior atenção às suas afinidades: “os Rio Grandenses passam com os gauchos pelos mais corajosos e mais intrépidos cavaleiros da América do Sul” (tradução minha).³⁶ Essa equiparação também evidencia uma dupla dimensão classificatória: o adjetivo pátrio “rio-grandense” possuía um conteúdo étnico e social no Brasil, designava um *povo*, no sentido antropológico, enquanto a categoria folclórica “gaúcho” apresentaria também uma conotação de identidade política na Argentina. Todavia, essas distinções são apagadas à medida que o relato avança e o narrador prossegue viagem em direção à campanha brasileira. A descrição das lidas dos *peones* nas estâncias, categoria reservada ao tipo específico de trabalhador rural especializado na criação de gado vacum (empregada assim mesmo, em sua variante espanhola no texto francês original), e dos “vaqueanos”, guias nas travessias pelo território, o autor passa a nomeá-los indiscriminadamente de *gaúchos*, independente dos pertencimentos nacionais. “O guia que nós contratamos era um verdadeiro Gaúcho, um puro filho dos Pampas, sabendo manejar o laço, as bolas e a adaga com uma habilidade surpreendente” (tradução minha).³⁷ A inicial maiúscula no francês, assim como em “Rio Grandense”, já revela um uso da palavra como gentílico.

Essas oscilações são representativas do complexo quadro brasileiro de classificação social a que Baguet teve acesso e os grupos sociais específicos de onde retirou, mesmo que involuntariamente, suas informações: a) uma elite nacional, centralizada no Rio de Janeiro, que chamava de “gaúcho” qualquer habitante do Sul, sem atentar para diferenças internas de classe ou de região; b) uma elite sul-rio-grandense regional republicana que reservava o vocábulo para a alteridade platina ou para os inimigos federalistas³⁸, reconhecendo, por

³⁶ “[...] les Rio Grandenses passent avec les Gauchos pour les plus hardis et les plus intrépides cavaliers de l’Amérique du Sud”. BAGUET, Alexandre. Rio Grande do Sul tel qu’il était jadis et tel qu’il est actuellement. Souvenirs lointains. *Bulletin de la Société Royale de Géographie d’Anvers*, v. XVIII, Anvers, 1893, p. 392.

³⁷ “Le guide que nous avions engagé était un vrai Gaucho, un pur enfant des Pampas, sachant manier le laço, les balas [sic] et le coúteau avec une adresse surprenante”. BAGUET, Alexandre, *op. cit.*, p. 404.

³⁸ Com o advento da República, os antigos membros do Partido Liberal, expulsos da máquina pública, se organizam, juntamente a alguns republicanos históricos dissidentes, na oposição federalista. Seus líderes possuíam bases em cidades uruguaias e apoio do Partido Blanco, dominante no norte do país vizinho. Essa

vezes, no gaúcho um tipo étnico mestiço, de vida campeira ligada à zona de contato com o Prata e de baixa extração social, considerado extinto ou em vias de extinção no estado; c) as elites fronteiriças que utilizavam o termo para designar o trabalhador rural disciplinado das estâncias de criação de gado e da indústria do charque/couro contemporâneas, e que já começava a se apropriar dele para criar uma identidade política própria, mas com ambição totalizante (que podiam ser tanto republicanas como federalistas e, inclusive, se encontrar em oposição no regime castilhistas³⁹ estabelecido com a República); d) os homens do campo em geral, trabalhadores assalariados ou pequenos proprietários, que se identificavam como gaúchos, em função do histórico de trocas com o campesinato argentino e uruguaio, e começavam a demarcar, através do nome, um limite simbólico em relação aos homens das cidades em franca expansão na virada do século, mesmo quando precisavam migrar para elas em busca de emprego (ou talvez em razão desse deslocamento forçado).

As insistentes elucidacões da palavra gaúcho nos textos simonianos, amparadas pelo *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*, de Romaguera Corrêa, dizem respeito à necessidade de intervir nesse quadro, além do ponto de vista assumido pelo autor: idêntico ao das elites latifundiárias e charqueadoras fronteiriças baseadas em Pelotas, mais propensas a corroborar as autodefinições campesinas. Outro viajante francês, conhecido e citado por Simões Lopes Neto, Auguste de Saint-Hilaire, mobiliza classificações semelhantes às de Baguet no relato de sua expedição pela província, ocorrida vinte anos antes, exceto pela ausência do emprego da palavra gaúcho como adjetivo pátrio. A maior diferença em relação ao texto do diplomata, no entanto, é a visão negativa do tipo social que o vocábulo designava, visto como mestiço e originário dos territórios castelhanos, um duplo estigma. Operando com categorias raciais pré-evolucionismo social, Saint-Hilaire considera uma superioridade sul-rio-grandense a suposta proporção majoritária de elementos brancos, principalmente lusos, na sociedade nascente, o que lhe impelia a alertar: “Se deixarem os habitantes do Rio Grande entrarem em contato com os índios, e se negligenciarem a educação moral e religiosa deles, em breve não passarão de gaúchos”.⁴⁰ Portanto, a miscigenação e as trocas com as províncias espanholas configuraram, desde cedo, atributos negativos à figura do gaúcho, logo transformado num estereótipo que seria evitado pelas elites brasileiras da fronteira sul, menos suas parcelas originadas da economia mais tradicional. A definição de Romaguera Corrêa, adotada por Simões, atualiza e neutraliza o termo, extirpando seu conteúdo étnico-racial, transnacional e de classe. Gaúchos seriam, nessa visada, simplesmente os cavaleiros da região que demonstravam grande maestria nas lidas campeiras: “O que é forte, gentil e disposto, cavaleiro resistente e ousado, como o eram e são os camponeses e antigos indígenas”.⁴¹ Quase uma categoria profissional, se não pudesse ser aplicada concomitantemente ao peão e ao estancieiro. Essa espécie de depuração discursiva é

confusão entre os grupos brasileiros e uruguaiois, geralmente de latifundiários, alimentava a propaganda do Partido Republicano Rio-Grandense contra o inimigo “gauchesco”.

³⁹ Espécie de positivismo ortodoxo de aplicação política direta, que gestou no Rio Grande do Sul a ditadura de Júlio de Castilhos, daí o termo “castilhismo”.

⁴⁰ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Brasília: Senado Federal, 2002, p. 263.

⁴¹ ROMAGUERA CORRÊA *apud* LOPES NETO, João Simões. *Terra gaúcha, op. cit.*, p. 29.

um passo fundamental para a ressignificação literária operada por Simões Lopes Neto e para a efetivação do gaúcho como um mito fundador do Rio Grande do Sul.

A biblioteca imaginária do autor, assim como seus projetos históricos inacabados, também aponta para a segunda grande questão obrigatória dos campos político e intelectual da região: o legado da Revolução Farroupilha (1835-1845). Nesse quesito, havia maior consenso interno. Desde a vitória do projeto republicano, a visão heroica do republicanismo farrapo construída pelos estudantes sul-rio-grandenses do Clube 20 de Setembro, da Faculdade de Direito de São Paulo, na década de 1880, se tornou dominante. É muito provável que o tomo perdido do segundo *Terra gaúcha* apresentasse referências à *História da República Rio-Grandense*, de Joaquim Francisco Assis Brasil, obra revisionista máxima da geração de 1870 na província.⁴² De qualquer forma, as menções a Alcides Lima e a Alfredo Varella já indicam uma filiação à historiografia republicana, então recente, e seu esforço de resgate da memória farroupilha. Vale dizer que mesmo a oposição federalista ao castilhismo poderia reivindicar o episódio para sua genealogia política, se apropriando seletivamente de suas pautas liberal e autonomista.

Mais uma vez, o problema se manifesta na tensão centro x periferia. Acionada pelas elites regionais como um “discurso de crise”⁴³, a Guerra dos Farrapos era uma lembrança da “opção” da província em pertencer ao Brasil. Logo, era também uma espécie de ameaça velada de separação caso o federalismo não fosse respeitado ou as demandas locais ao governo central não fossem devidamente atendidas. Essa estratégia era alvo de ataques no centro do país, onde o separatismo sul-rio-grandense em potencial era vinculado à “barbárie” e à “anarquia” platinas. O positivismo perrepista no governo estadual tentava contornar o ônus dessa barganha apelando ao prenúncio do destino republicano brasileiro e desconsiderando vinculações culturais ao Prata castelhano. Daí a gauchidade virtual do sul-rio-grandense ser relegada a um passado moribundo, algo que, todavia, não convencia a elite letrada no Rio de Janeiro. Diferentemente dos ideólogos porto-alegrenses, Simões Lopes Neto percebeu que a superação do estigma gaúcho estava ligada à nacionalização da Revolução Farroupilha e, no sentido inverso, a desconstrução da suspeita de separatismo farrapo exigia a afirmação da brasilidade do gaúcho histórico. Assim, sua obra oferecerá respostas bastante peculiares à problemática obrigatória do campo cultural na fronteira Sul, mas que farão muito sentido na década seguinte, com o esgotamento do castilhismo/borgismo e a conciliação das elites regionais, podendo ser resgatadas como modelos pelos intelectuais modernistas à serviço do projeto varguista de tomada do poder central.

⁴² Antes disso, cabia ao tema o silêncio, consequência da integração dos revoltosos à vida política do Império, ou a recriminação. Ver ZALLA, Jocelito e MENEGAT, Carla. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. *Revista Brasileira de História*, v. 31, n. 62, São Paulo, 2011.

⁴³ Ver PINTO, Celi Regina Jardim. O discurso da crise – uma presença constante na história gaúcha. In: SHULLER, Donaldo (org.). *Mito ontem e hoje*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1990.

Com o Prata no horizonte

O balanço da biblioteca imaginária de Simões Lopes Neto revela, portanto, um leitor profícuo, versado no cânone ocidental e integrado nas redes de alta literatura do sul do Brasil, por onde circulavam livros e autores de ficção e história. Portanto, conhecia as tendências e os lançamentos mais recentes e, a partir daí, podemos acreditar que, além de dominar as posições em jogo no campo cultural regional, reconhecia a gama de possibilidades ficcionais abertas por diferentes linhagens literárias. O livro *Contos gauchescos* (1912), ainda mais do que *Lendas do Sul* (1913), pode ser entendido como uma resposta de primeira hora aos títulos regionalistas rio-grandenses do início do século, seja como homenagem ou como reparo, mas, certamente, como interpretação. De acordo com Harold Bloom: “Poemas, contos, romances e peças nascem como uma resposta a poemas, contos, romances e peças anteriores, e essa resposta depende de atos de leitura e interpretação pelos escritores posteriores, atos que são idênticos às novas obras”.⁴⁴ Seus contos não são “gaúchos”, como a “terra” de seus dois livros inéditos, na ficção escolar e na historiografia. Também não são “gaúchos” como as “cenas” de *Escombros* (1910), de Roque Callage, os “cenários” de *Tapera* (1911), de Alcides Maya, ou os contos de *Nas coxilhas* (1912), de João Fontoura. Mas não são igualmente “sul-rio-grandenses”, como os romances e contos da produção oitocentista. Eles são gauchescos, uma significativa declaração de filiação que parece ter passado quase despercebida em sua fortuna crítica. Uma referência indireta que vale para toda uma tradição poética fronteiriça e transnacional: o gênero de poesia e prosa narrativa que se desenvolveu no Prata, principalmente com o romantismo, a partir da emulação da linguagem campestre. Uma nítida contraposição às escolhas de seus contemporâneos brasileiros.⁴⁵

Por quê, então, não encontramos textos literários argentinos e uruguaios em sua biblioteca imaginária? As razões desse silêncio também foram levantadas neste artigo, através da pragmática das citações e do delineamento da problemática do campo cultural da fronteira sul do Brasil. Primeiro, como vimos, o estigma social do gaúcho pampiano exigia um trabalho ideológico de depuração. No projeto de memória histórica simoniano, ele passava pela distinção entre um gaúcho rio-grandense e um gaúcho castelhano. Segundo, o peso das suspeitas de platinismo cultural do estado no centro do país, com as correlatas acusações de separatismo, reforçavam essa estratégia, cada vez mais compartilhada entre a intelectualidade regional autorizada. No folclorismo cívico, do qual os contos e as lendas simonianas são tributários, o gaúcho platino também configurava uma alteridade combatida, o “outro” privilegiado na invenção da gauchidade brasileira da região. Não cabia, portanto, a Simões Lopes Neto fazer referências, em textos públicos, à gauchesca argentina ou uruguia; fato que balizou as interpretações nacionalistas de sua primeira fortuna crítica mais consistente, afastando o Prata do horizonte simoniano. Ape-

⁴⁴ BLOOM, Harold, *op. cit.*, p. 18.

⁴⁵ É característica do gênero gauchesco a adoção do ponto de vista popular/gaúcho sobre o relato, através de personagens-narradores, como o Martín Fierro, de José Hernández, e o próprio Blau Nunes, do de Simões Lopes Neto. Essa estratégia narrativa é original e única nos contos regionalistas produzidos pela alta literatura no Rio Grande do Sul da Primeira República.

sar disso tudo, sabemos que houve intercâmbio de práticas de representação entre intelectuais nativistas e *criollistas* dos três países, principalmente no sentido Uruguai-Argentina-Brasil⁴⁶, provável função da importação de impressos argentinos e uruguaios por livrarias e casas editoras rio-grandenses.

Experimentando modalidades de escrita diversas, e apropriando-se de temas e formas de gêneros distintos em suas produções, Simões Lopes Neto acabaria intuindo no discurso literário o melhor caminho para disputar a representação letrada da região e enfrentar o peso do passado, com seus mitos e estigmas. Foi assim que instituiu, com seus contos e lendas, tendências literárias seguidas por duas gerações de intelectuais, pelo menos: os modernistas gaúchos das décadas de 1920 e 1930 (entre os quais o poeta Augusto Meyer e o romancista Erico Verissimo) e os regionalistas do pós-II Guerra, como Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, que fabricariam os rituais hoje chamados no estado de “tradição gaúcha”. De certa forma, a permanência da obra também é função da mente fronteira particular de um leitor do sul do mundo.

Artigo recebido em 27 de abril de 2020. Aprovado em 31 de maio de 2020.

⁴⁶ No livro *Assuntos do Rio Grande* (1912), por exemplo, o folclorista João Cezimbra Jacques cita a fundação da Sociedad Criolla de Elías Regules na capital uruguia e algumas de suas atividades, um dos modelos para os Grêmios Gaúchos brasileiros criados na Primeira República. Ver JACQUES, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia, 1912.